

Nietzsche contra os judeus*

Couto de Magalhães Neto**

Resumo: Criticando o caráter incongruente de algumas teses da *Genealogia da moral* (a aristocracia e a plebe, o ódio judeu e o amor cristão, a superioridade racial dos árias e os valores da democracia), bem como explorando a insuficiência das concepções de super-homem e de eterno retorno, o autor busca mostrar que o pensamento de Nietzsche tem um caráter destrutivo, sendo ele o principal responsável pela desordem e anarquia existentes no mundo. Na tentativa de ocupar o lugar dos sacerdotes judeus com uma reflexão que se distancia de Deus e prefere os valores decadentes da cultura e da civilização, o filósofo não somente teria nos precipitado no caos, mas, sem conseguir resolver a questão da felicidade humana, seria ele próprio conduzido à irracionalidade. Artigo dividido em três partes, publicadas em três domingos consecutivos, ele é concluído com uma ironia: seria desejável que Nietzsche retornasse à vida para ver os danos que seu pensamento trouxe para nós.

Palavras-chave: Nietzsche - superioridade racial - super-homem - eterno retorno - caos.

I – A incongruência delirante do famoso filósofo

Este filósofo arrogante, de orgulho impar na história do pensamento, vale, contudo, pela agitação das ideias em admirável estilo.

Seus livros estão semeados de um falatório estridente, de um tropel de força que agride e de espantosas incongruências. Como

* Publicado no *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, Domingo, 22 de Novembro de 1942 (Parte I, p. 1-2), 29 de Novembro de 1942 (Parte 2, p. 1), 6 de Dezembro de 1942 (Parte III, p. 8).

** Jornalista. Escreveu entre 1936 e 1937 também no jornal *Correio Paulistano*. Não foram encontrados outros dados biográficos e bibliográficos sobre o autor.

todo indivíduo que se mete a jogar com arranha-céus de cultura, Nietzsche, que vislumbrou horizontes largos no círculo asfixiante em que mancava a filosofia de seu tempo, acabou por perder o contato com a realidade que buscava. Disso resultou qualquer coisa de anormal e sem nexos, embora sejamos obrigados a reconhecê-lo, quando em vez, o fulgor de jóia rara.

Nietzsche é como um chicote que estivesse cantando no lombo de alguém com fúria, sem cessar. Ele pretendia consertar a vida e acabou por ser o maior responsável pela desordem que há no mundo. Foi justamente o que há de mais anárquico e insólito em seu pensamento que vingou e cresceu vigorosamente com ímpetos de verdade irrefutável. Custa crer que Nietzsche, que combatia a tradição com ódio sem limites, não fosse capaz de perceber que, ele próprio, estava levantando outra pior e maléfica em nome de pretensa “superioridade racial”. E em que se cifrava essa superioridade? Ele mesmo não era capaz de responder com lógica, e ninguém de bom senso encontraria em toda a sua vasta obra turbulenta uma resposta viva e honesta a respeito. Argumentava Nietzsche que no começo do mundo ou das coisas os fatos se processaram assim, e assim deveriam ser, assim seriam certos. Suas afirmações não passam de lépidas prestidigitações de *camelot* de praça pública para iludir a boa fé dos que não são capazes de pensar por conta própria. Intitulava-se reformador dessa velha carcaça em que vivemos – a Terra: mas a sua vassoura, se à primeira vista dava a impressão de ter feito uma limpeza em regra, já com exame atento decepcionava. É que o lixo, ao invés de diminuir, acumulara-se demasiado pelos cantos de nossas crenças, pelas janelas de nossas esperanças, por todos os bolorentos sonhos que a humanidade sempre acarinhava suavemente.

Crítico dos mais sagazes, Nietzsche era um verdadeiro turrão quando não gostava de alguma coisa. Pretendia que todos lhe dessem ouvidos, mas era surdo quando outros apresentavam verdades contra ele. Forjava, ainda por cima, ironias mordentes e

piadas ridículas para humilhar seus desafetos. Como pode, porém, ganhar terreno uma filosofia assim cabeluda?

Só há uma resposta: graças à ensurdecadora propaganda que ela própria faz dos piores instintos que há no armazém da alma humana. A filosofia de Nietzsche não é dessas de cabelos bem penteados, olhar pacífico e voz serena. Ela possui algo de carnavalesco, mesmo quando aspira à seriedade. Habilmente se esgueira por um matagal de problemas insolúveis, disparados um atrás do outro. Seu machado, é certo, por vezes parece atingir a raiz inútil de certos carunchos de nossa cultura e civilização. Nessas áreas, porém, outros preconceitos brotaram violentamente mais bravios, mais turbulentos, mais contraditórios e, coisa de espantar, esse filósofo, cuja boca estava cheia de humano e demasiado humano, tornou-se o paladino do desumano, da anarquia e do cativo geral. Se era nisso que deveria redundar a sua libertação do homem, antes não agitasse forças, perigosamente ocultas.

Nietzsche fala muito de bom e mau, de justo e direito, e esforça-se por fazer o homem feliz, a seu modo. A este respeito, sua confusão é pasmosa. Derrubando todas as tábuas de valores, que entendia serem falsas, ofereceu-nos outras, difíceis de ser entendidas e sem lastro algum. Arrebatou-nos das mãos todas as nossas moedas e, quando nos havia despojado de tudo, quando nos viu sem nenhuns balangandans acabou enlouquecendo porque, diante de nossa provável exigência da felicidade prometida, o filósofo não pôde conceber coisa melhor que o “eterno retorno das coisas”, a mesma repetição corriqueira dos passados acontecimentos. E o pior de tudo estava em que o homem, perdida a esperança, por lhe ter confiado o destino, só tinha, no momento, um travesseiro para descansar a cabeça atormentada: o próprio caos. Não fora contra o *nada* que ele combatera, pretendendo preencher o vazio da vida com atos heróicos, festas e risos?

E como fora também acabar aí? É que o seu cérebro, exausto de derrubar ídolos, tornara-se impotente de todo e daí para a

frente não percebia mais nada absolutamente. Os obstáculos que açoitara tão forte acabaram por esgotá-lo e sua força de concepção só pudera ter vivacidade no domínio da matéria. O equilíbrio derradeiro jamais o conseguira ele, trilhando o solo de urzes de uma cultura árida, sem espontaneidade, estéril na essência. Foi a cultura quem o matou – essa cultura majestosa e sem alma, que não eleva ninguém para o infinito, se não for plástica, isto é, se não tiver o dom de acordar no íntimo de cada um de nós essa flor de luz da inteligência da vida – a compreensão dos contrastes – que nos aproxima de Deus.

Para Nietzsche, a cultura era infalível, a deusa suprema, ela resolvia tudo. Estribado nisto, não pretendeu saber se aqueles *sábios* que o inspiravam estavam ou não no bom caminho do critério sem mácula. Além de que é preciso considerarmos Nietzsche amparado a um número avultado de autoridades ou, para falar na linguagem dele, a muletas, o que constitui um contrassenso, se levarmos em conta o seu aforismo célebre. Nietzsche falava excessivamente em “salvar o homem” do esgotamento certíssimo de uma vida estagnante, sem finalidade. E que finalidade arranhou para o homem? Seus argumentos, capciosos e corrosivos, só vieram abalar e dividir mais a humanidade em todos os seus setores, aumentando-lhe o ódio e enchendo-a de maiores martírios.

Rebaixou, reduzindo, inapelavelmente, toda a humanidade a uma súcia de ridículos palhaços com sede no estômago. Partindo do homem, comete Nietzsche de entrada o primeiro grande erro, não o considerando como elemento básico da sociedade. Para ele há homens com direito de mandar e homens com obrigação de obedecer cegamente. Só têm valor para ele os que estão nos postos de comando, os afortunados, mas não reconhece em qualquer indivíduo esse privilégio, mesmo que ocupem esse posto.

É preciso que os que dirigem sejam loiros, descendentes de celtas, de sangue puro e não tenham resíduos dos que provieram das camadas inferiores da vida. O homem superior, aristocrata

por excelência, não tem nada de comum com o homem-plebe, o homem-pária, ser repelente, massa amorfa, que existe para gáudio do homem superior. E donde proveio este homem superior? Quem era ele primitivamente? E como obteve essa superioridade? Em que ela consiste? “Na maior parte dos casos tomaram o nome da superioridade do seu poder (os “*poderosos*”, os “*donos*”, os “*chefes*”) ou dos sinais exteriores dessa superioridade (os “*ricos*”, os “*possuidores*”): tal é o sentido de *árias*, que aparece também no grupo urânio e eslavo”.

E tudo isto por quê? Porque haviam tido eles a fortuna de se aboletar nos melhores lugares: predominavam economicamente e manobravam o bastão político. E como essas facilidades da existência eram conquistadas? Com honra? Com trabalho suado e honesto? Não, com desprezo, à custa de sangue, sem respeito nenhum à vida alheia. Esses homens privilegiados eram os tais de cabelos ruivos, ou seja, os celtas e seus descendentes. Guerreiros que, segundo Nietzsche, eram de origem divina. Suponhamos agora que não fossem os árias os primeiros a ter em mãos o domínio de tudo. Admitamos que os povos de cor, tão indolentes e sem ambições, estivessem onde estavam os árias.

Os papéis não estariam invertidos? Não seriam porventura os inferiores os superiores? Que influencia tem a cor na designação da inteligência? Por que hão de os aristocratas serem de origem divina e os outros, mesmo brancos, de outra origem? Vê-se que Nietzsche andava com os seus rudimentos de cultura completamente baralhados. A vida povoou a terra de homens, de todo o gênero e cor, mas foi sábia, dando-lhes um cérebro com que cada um pudesse agir da melhor maneira possível. Os que negam, como Nietzsche, o livre arbítrio, provavelmente o fazem com segundas intenções, por ludibriarem os pobres de espírito, os que não são afeitos à luta e amam a vida cômoda e sem complicações. Daqui por diante a *Genealogia da Moral* assume um tom estrídulo, de pandemônio, em que, por vezes, o seu fragoroso estilo parece estilhaçar-se, romper-

se em bilhões de cacos e faíscas, mostrando-nos um pensamento epilético. O livro salva-se, não pelo conteúdo dos conceitos, mas pela beleza extraordinária de seu movimento ziguezagueante e musical.

A incongruência alcança o auge do delírio, num crescendo furioso: precisamos fazer ginástica enérgica para seguirmos este corredor de maratona no terreno das ideias.

II – A ojeriza do filósofo era também contra os sacerdotes e não poupava os democratas.

Para Nietzsche existe um preconceito “teológico”, representado pelos sacerdotes, responsáveis segundo ele, por tudo que há de retrocesso na existência do homem. Nietzsche torna-se incrível e monótono contra os sacerdotes, esquecendo-se de que as pessoas devem ser sempre respeitadas num combates de ideias; estas é que devem ser contestadas, examinadas e corrigidas.

Ele sabe disso, mas, por cálculo e cínica propaganda, faz o inverso do que deveria fazer. Não há de ser com ódio que se possa estabelecer uma polêmica esclarecedora de problemas confusos.

“Há desde o princípio o que quer que seja mórbido nessas aristocracias sacerdotais e nos seus hábitos de domínio, hostis à ação, querendo que o homem ora engrandeça os seus sonhos ora caia em explosão de sentimentos donde parece derivar-se esta fraqueza intestinal e esta neurastenia que são inerentes aos sacerdotes em todas as épocas”.

Esta ojeriza contra os sacerdotes acaba por se tornar violentíssima e permanente obsessão, sátira tremenda contra o ideal ascético.

Nietzsche acha que o sacerdote é o culpado do homem ter “alma profunda” e tornar-se “animal interessante”. O sacerdote é o responsável por tudo o que aconteça no mundo de errado. Em sua conta debita o “regime dietético (privação de comida), o

jejum, a abstinência sexual, o deserto (isolamento a Weir Mitchell, naturalmente sem o engordamento e a superalimentação que se lhe seguem e que constituem o remédio mais eficaz do ideal ascético). Acrescente-se a isto a metafísica sacerdotal hostil aos sentidos que os torna preguiçosos e refinados: o hipnotismo, por autossugestão que praticam os sacerdotes à maneira dos faquires e dos brâmanes, operando Brama como botão de cristal ou ideia fixa, e o fastio universal e final, compreensível com a crise radical do sacerdote, o NADA (ou Deus, porque a aspiração à união mística com Deus nada mais é do que a aspiração do Budismo ao nada, ao Nirvana)”.¹

Se aspirar unir-se alguém com outrem ou com Deus é tornar-se NADA, então devemos rir a lógica, porque não entendemos patavina deste hieróglifo, levando-se em conta que o NADA não existe senão no bestunto dos loucos.

É necessário ter-se a testa muito curta para se afirmar a existência do NADA e, mesmo assim, esse NADA é um absurdo. A concepção do NADA é o resultado do orgulho do “eu”, que pretende perpetuar para além destas fronteiras o egoísmo de ter essa mesma consciência com todos os seus estímulos e artimanhas. Isso é não perceber que não se perde nada na vida, mas que a vida mesma não pode manter-se estática para nossa satisfação de posse e acúmulo.

Assustados com o fantasma da morte, porém, não admitimos, em absoluto, que esta consciência atual, que não compreende o Universal, possa penetrá-la e fruir-lhe a essência, sem os obstáculos da possessividade, que geram em nossa vida a incompreensão e nos impedem de penetrar com inteligência no infinito ou em Deus.

Fomos educados num regime de acumulação e preconceitos, contra os quais o Cristo pregou a renúncia, que ninguém põe em prática. Pretendemos, sempre, ao findar nossa lida na terra levar para diante essa bagagem inútil após a qual andamos diligentemente. A fúria de Nietzsche contra o sacerdote é o produto visível da cultura em diversas ciências, atarracada na bitola estreita da mentira. Essas ciências azedaram-se, antes que pudessem esclarecer alguma coisa.

O filósofo, ao tomá-las e digeri-las, sentiu-se envenenado, mas – ou não percebeu ou sentiu o envenenamento e fez ouvidos moucos. Daí resultou que seus conceitos inspirassem terremotos no organismo da cultura. Além disso, é necessário que consideremos a miopia dessa crítica, pois ela não reconhece em mais nenhum indivíduo capacidade de escolher o que lhe aprouver. Nietzsche supõe todos os homens massa amoldável aos caprichos das castas superiores e não lhes admite nenhum direito de pensarem por suas próprias cabeças. Esse sistema de nivelar tudo a um padrão é o seu forte. Por que os sacerdotes venceram? Por que alcançaram prosélitos pelo mundo afora? É porque o que eles diziam estava conforme a índole dos que abraçavam suas doutrinas. Principalmente porque os sacerdotes lhes falavam claro e eles achavam que isto estava justo. Escolheram o que melhor lhes convinha. Isso lhes não foi pregado através de imposições, senão por meio de palavras de veludo, imagens, alegorias e retórica em abundância, vozes essas que lhes falavam aos sentidos.

Por que se atira Nietzsche tempestuosamente contra os sacerdotes, de preferência contra os judeus? É que ele os sabe fortes, insinuantes, habilidosos. Graças a isto conquistaram a glória dos séculos. É essa glória feiticeira que lhes faz cócegas. Nietzsche quer a glória, por qualquer preço. Ele pretende que sua doutrina seja melhor que a dos sacerdotes e possa fazer o homem feliz, porque segundo ele, os sacerdotes desgraçaram os homens na vida, ensinando-lhes um credo efeminado. Nietzsche, que detesta a *canalha*, quer, no entanto, que a canalha lhe ouça a voz, porque sem essa canalha ele não terá essa eternidade ao encontro da qual vai sôfrego e desvairado. Seu método, contudo, não tem nada de originalidade. Nietzsche não tem o menor escrúpulo de fazer tudo ao contrário de seus rivais. É exato que o homem desde tempos imemoriais jamais viveu como deveria viver.

O medo desviou-lhe o curso normal e desde então, para tapar esse medo ou para afugentá-lo, vem criando em torno de si

muralhas de preconceitos. Vive a erigir sistemas, os mais variados, para solucionar a sua eterna crise e tudo isto serve apenas para complicar-lhe mais a vida e torná-la insuportável até a morte. Não há ninguém que possa dizer que vive com a consciência tranquila, sem nenhum sobressalto. Desse modo, os anos carregam-lhe o corpo e o espírito de erros mortais, agravados, alguns deles, por reflexos da famigerada cultura, que sedimenta na alma do homem, pavorosos enganos e utopias, travando-lhe a estrada da vida com infernos e incompreensões, com ratoeiras e hipocrisias.

Precisamos revisar corajosamente todos os valores que herdamos por tradição. Aproveitar os bons tijolos que os pedreiros das ideias cimentaram com paciência no corpo da cultura, mas nada de aceitar conceitos sem antes vê-los através de implacável crítica. Toda cultura que não servir para despertar no indivíduo sentimentos de elevação é um tóxico.

Há séculos o homem vem tendo sobre a face da terra uma vida errada, uma vida que não tem nada de espontâneo e elevado. Cada vez mais o homem se deteriora em virtude da própria lisonja ou da extraordinária covardia de não fazer nada senão apoiado em alguma cobiça. Cada vez mais se desconhece a si próprio. Ninguém pretende saber para que veio ao mundo ou pelo menos saber como melhor passar pelo mundo. A maioria quer acumular o quer que seja, quer mandar e isto tudo só pode ser feito mediante o conflito, a luta, a guerra. Isto é felicidade? Nietzsche terá razão quando quer que o homem fuja menos da terra e não olhe muito para esse “mundo das hipóteses inglesas, edificadas no azul vazio”?

Vemos que o homem se está na terra é para aqui viver e aperfeiçoar-se. Por que, entretanto, tem ele procurado sossego no “azul vazio”?

Justamente porque a terra lhe tem sido madrasta e o tem chicoteado sem trégua como se fosse criminoso? Em absoluto. O culpado disto tudo é o próprio homem. Nós é que fazemos a nossa felicidade ou infortúnio com nossas loucas esperanças ou com a

viva penetração da realidade.

A vida é um movimento perpétuo: a cada instante nós mudamos e, todavia, não queremos verificar isso. Tal verdade nos aterroriza e o nosso esforço só é orientado no sentido de tornar as coisas sólidas, permanentes, em meio da perpétua mutação. De que modo, porém, Nietzsche quer fazer o homem feliz na terra? Entregando todo o bando de “democráticos”, isto é, o Zé povo, a um grupo de espertalhões, que lhe descasque o látego no ombro, de riço, sem cerimônia. “Os juízos da aristocracia fundam-se numa boa musculatura, numa saúde florescente e no que para isto contribui: a guerra, as aventuras, a caça, a dança, os jogos e exercícios físicos, e em geral tudo o que implica uma atividade robusta, livre e alegre. O homem ativo, agressivo, está cem vezes mais próximo da justiça do que o homem *reativo* e não erra tanto o seu alvo”.

Ora, sem dúvida há coisas estupendas e saudáveis nessa enumeração. Desde quando, contudo, a guerra é um esporte, um prazer?

III – Os “aristocratas” na concepção do célebre filósofo – A anormalidade do “Super-homem” – Esforço estéril para a felicidade humana.

As aspirações para a liberdade e para o nivelamento, nada mais são, para Nietzsche, que o reinado do populacho, que os judeus, graças ao seu ódio profundo e sublime, libertaram da escravidão. Será o mesmo que a vitória do “tronco deste ódio de que saiu uma coisa incomparável, um novo amor, a mais profunda forma de amor. *Foram abolidos os amos, triunfou a moral do povo*”.

Que a escravidão gere um ideal, nada mais evidente. A escravidão é o signo de quem está por debaixo e deseja libertar-se da situação incômoda. O ideal é o refúgio numa situação vindoura que venha a amenizar as angústias deste instante. Dizer que o ódio produz um novo amor é uma blasfêmia. O ódio é o estado de quem

tem o espírito em efervescência, em balbúrdia. O amor não tem nada disso. O amor é compreensão e por isso mesmo não reage contra coisa alguma. É a beatitude da consciência que penetra no âmago das coisas e as compreende sem entusiasmo nem repulsa. Logo, o ódio só pode gerar outras confusões, nunca um estado de indizível tranquilidade. Nietzsche apanha os judeus em suas malhas. Foram eles os culpados da queda da primitiva *aristocracia*.

Este estado de coisas, porém, não poderá continuar. A humanidade precisa voltar ao seio de Abraão antigo. A *aristocracia* há de reaver o prestígio passado, o poder e os faustos da glória, e terá de novo seu apogeu. O populacho democrático terá seu fim. Nietzsche estridula, então, com ênfase e impudência a sua canção pagã em honra do próximo advento desse credo, que endireitará o mundo: “algum dia reanimar-se-á o antigo incêndio com maior violência do que nunca. *Não devemos desejá-lo com todas as nossas forças e contribuir para isso?*”.

Essa será a época ideal em que “*uma coisa que teria grande valor para a conservação de uma nação, poderia não o ter se se tratasse de criar um tipo superior. O bem da maioria e o bem da minoria são dois pontos de vista completamente opostos. Todas as ciências devem preparar ao filósofo a sua tarefa, que consiste em resolver o problema da avaliação, em determinar a hierarquia dos valores*”.

Esta hierarquia é fácil de se prever. De acordo com esses princípios de ciência, entrarão em jogo traços fisionômicos, cor da pele, modo de alimentação, qualidade de sangue, hereditariedade e outros apêndices. Quem não tiver enquadrado na *aristocracia* desse gênero é seu antípoda, mesmo que seja branco ou loiro. Isso pouco importa. Torna-se o homem desse modo autômato, isento de quaisquer liberdades, inclusive a de ser dono do que tenha no cérebro. É um verdadeiro animal controlado pela tal de *aristocracia*... E não deve esquecer-se, além disso, de agradecer-lhe a dádiva da existência... É estranho este princípio. De um

lado, raças de origem divina, superiores; de outra banda, famintos, párias, miseráveis irremissíveis. E qual o objetivo de tudo isso? O gozo de uns poucos?

Que fonte divina seria capaz de lançar ao mundo a cáfila de coloridos e de outros escravos para serem o joguete e a farândula de certos “inteligentes”?

No entanto, esses que se julgam tão alto, tão invulneráveis, deuses no mundo, têm o mesmo fim dos seus escravos: vão apodrecer em sete palmos do chão da mesma terra! Que filhos da imortalidade são estes que se não salvam do naufrágio da vala comum?

Esta imaginação doentia, que se nega a si mesma, negando a capacidade do raciocínio aos seus semelhantes, que pretendia resolver a felicidade pela violência, que conseguiu? Como resultado, trouxe ao mundo mais anarquia, mais desmedidas ambições, mais desespero.

O homem deseja naturalmente ser feliz. Será que essa felicidade divisionista, que vê no homem escravo e senhor, pode trazer-lhe algo de redenção ao espírito sem porte? Que direção tomará esta crítica? Ela produzirá um monstro: o *Super-homem*. O Super-homem é o tipo que ri de tudo, inclusive dele próprio, mas não ri um riso sereno, um riso amável, e sim um riso estúpido. Tipo atlético, irresistível brutamontes, sem crença de espécie alguma, para ele a testa e o estômago estão no mesmo nível, tipo que se diz sem preconceitos, alimentando-se de seus próprios preconceitos...

O Super-homem será o que de mais perfeito um cérebro humano poderia engendrar na vida. Mas o super-homem é um tipo anormal, porque tendo tudo imensuravelmente não tem o que constitui a grandeza de um homem, não tem alma. Só cuida dos prazeres da vida, como se a vida fosse um permanente baile de máscaras. E o grande tédio um dia encherá seu interior de fantasma.

Sem dúvida que foi magnífico destruindo certas teias de aranha de sistemas filosóficos e macetando como um *boxeur* o

que pretensos sábios erigiram em nome da moral interesseira e hipócrita. O Super-homem, porém, demasiado vaidoso de si mesmo, não progride para a imortalidade do espírito. Ele fez da terra o seu elemento de posse definitiva e, como todos os que possuem, começou a tecer em torno de si uma rede de segurança, a fim de não perder os seus tesouros. Foi então que começou o seu naufrágio...

Toda a miséria antiga do mundo desabou furiosa sobre a sua cabeça. Ei-lo, nesta altura, sem capacidade para compreender as razões por que dentro do seu espírito se levantava um vozeirão exigente, que acabou por aturdi-lo. Avarento, querendo tudo para si e nada para os outros, tendo todavia em sua frente, diariamente, a morte, arranjou um meio de ludibriar esta igualmente. E de que modo? Inventou o eterno retorno! Quer dizer, o homem, depois de fazer grossa pândega por este vale de angústia, ia tirar uma soneca no túmulo. Quando cismava, erguia-se, punha-se de pijama para depois se arranjar, como antigamente, e cair de novo na gandaia... Voltava ao mundo para fazer as mesmas coisas que havia feito. Para sofrer no pelourinho da repetição! O Super-homem perdera a noção de que a Vida não se repete. Então, o criador deste tipo verificou que isto era o caos nas relações sociais, porque não soubera ele preparar o indivíduo para o intercâmbio honesto e sem revoltas e desconfianças com outros indivíduos.

Nietzsche arrancara da alma de todos as “virtudes serôdias”, a fé, a esperança e a caridade. Deixou o homem mais nu do que quando nascera. Ele só e seu terror pânico. Ensinou-lhe que deveria obedecer e trabalhar para os *aristocratas*, filhos eternos dos deuses.

Onde, porém, ficou a chave do problema? A troco de que essa filosofia tirou aos “democráticos” tudo que tinham em sua desgraça? Não foi para torná-los felizes? E que lhes deu? Chicote, chibata e desprezo! Ou, por outra, não lhes deu nada. Isto é felicidade? E isto não acaba nunca! O destino do homem é sofrer, por séculos e séculos esse calvário da eterna repetição das mesmíssimas

coisas! Das mesmíssimas ilusões! Dos mesmíssimos sobressaltos! O mesmo indivíduo, depois de morto, vem à terra de novo (quem manda? Nietzsche não explica a maneira desta ressurreição) encher o ventre e atormentar os seus vizinhos...

Não seria melhor que não mais voltasse? Que morresse para sempre?

Quem será capaz de querer voltar ao mundo, se puder, sabendo que isto por aqui não terá outra paisagem diferente senão a já vivida?

Eis aí o mundo de Nietzsche no qual ele não via nenhuma eterna novidade. Mas a imortalidade pelo *retorno*, que ele engendrou, não paga a pena do sacrifício do seu gênio, porque ele foi, de fato, genial, não tanto pela novidade dos conceitos, como pela coragem que teve de enfrentar certas heresias de uma civilização bastarda e decadente, embriagando-se demasiado com os aforismos de uma cultura que o intoxicaram em sua *honestidade* de fazer o homem feliz.

Ah! Pobre Nietzsche! Não foi a toa que perdeste o juízo ao reconheceres que a tua lógica era incapaz de coisa digna de teu esforço. A tua *piiedade* pelo homem matou-te! E foi bem! Nós, aqui na terra, esperamos que voltes, segundo o teu evangelho, e venhas ver o que fizeste! Como a tua filosofia se eriçou de maldades e como caotizou o nosso mundo? Tu que foste, sem dúvida, um desses grandes poetas que a humanidade já teve, tu que foste tão desgraçado e que conhecestes em tua carne os insultos do martírio sem trégua, causticando os “falsos profetas em suas mentiras”, como te portarias, agora que o teu verbo se tornou vida?

Ah! Como gostaríamos que viesses para veres como a tua filosofia acalenta milhões de infelizes...

Abstract: Criticizing the incongruous character of some theses found in the *Genealogy of Morals* (the aristocracy and the plebs, the Jewish hatred and the Christian love, the racial superiority of the Aryans and the values of democracy) as well as exploring the insufficiency of the conceptions of the *Übermensch* and

of the eternal return, the author aims to show that Nietzsche's thought has a destructive character and is the main responsible for the disorder and anarchy existing in the world. In an attempt to occupy the place of the Jewish priests with a reflection that distances itself from God and prefers the decadent values of culture and civilization, the philosopher would not only have pushed us into chaos, but, without being able to resolve the question of human happiness, would have also been he himself led into irrationality. The article is divided into three parts, published in three consecutive Sundays and concluded with an irony: it would be desirable that Nietzsche returned to life to see the damages caused by his thought.

Keywords: Nietzsche - racial superiority - overman - eternal return - chaos.